



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2655 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 14 - Sociologia da Educação

Circulação de crianças em territórios vulneráveis: Quais os sentidos que marcam a escolarização para as mães de criação?

Lilian Lucia Felix de Sá - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa qualitativa realizada em um território de vulnerabilidade social em São Paulo, entre os anos de 2014 e 2016, sobre a circulação de crianças e os sentidos que suas mães de criação dão para a escolarização desses filhos, que a elas são entregues. A pesquisa teórica é construída a partir da intersecção de três domínios de estudos: Circulação de crianças, Territórios Vulneráveis em Metrôpoles e Escolarização em famílias populares. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas e observações. Os resultados demonstram que as mães de criação vivem uma relação ambivalente entre a dádiva de receber um filho e as vulnerabilidades que as ameaçam na criação destas crianças. As mães de criação convivem com o receio de que os filhos de criação tenham um destino semelhante ao das suas mães biológicas que tiveram as condições de vida degradadas. Há uma relação de ambivalência que marca os sentidos que as mães de criação dão a escolarização das crianças que receberam.

Palavras Chaves: Circulação de crianças. vulnerabilidade social. mães de criação. Dádiva. Escolarização.

Circulação de crianças em territórios vulneráveis: Quais os sentidos que marcam a escolarização para as mães de criação?

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa qualitativa realizada em um território de vulnerabilidade social em São Paulo, entre os anos de 2014 e 2016, sobre a circulação de crianças e os sentidos que suas mães de criação dão para a escolarização desses filhos, que a elas são entregues. A pesquisa teórica é construída a partir da intersecção de três domínios de estudos: Circulação de crianças, Territórios Vulneráveis em Metrôpoles e Escolarização em famílias populares. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas e observações. Os resultados demonstram que as mães de criação vivem uma relação ambivalente entre a dádiva de receber um filho e as vulnerabilidades que as ameaçam na criação destas crianças. As mães de criação convivem com o receio de que os filhos de criação tenham um destino semelhante ao das suas mães biológicas que tiveram as condições de vida degradadas. Há uma relação de ambivalência que marca os sentidos que as mães de criação dão a escolarização das crianças que receberam.

Palavras Chaves: Circulação de crianças. vulnerabilidade social. mães de criação. Dádiva. Escolarização.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte de uma pesquisa sobre a circulação de crianças e os sentidos que mães de criação atribuem à educação dos filhos de criação em famílias moradoras de territórios vulneráveis.

A circulação de crianças é uma categoria utilizada em ciências sociais para se referir a um fenômeno comum

no Brasil, que ocorre quando a criança deixa de viver com a família biológica para viver com parentes, vizinhos, amigos ou conhecidos com os quais possuem algum vínculo. Claudia Fonseca (2006), foi pioneira no estudo de circulação de criança no Brasil, na década de 1990.

Podemos afirmar que a circulação de crianças está inscrita culturalmente nas organizações das famílias populares (FONSECA, 2006; SARTI, 1994). Esse fenômeno continua a ser reproduzindo de modo recorrente como parte das configuração das famílias de classes populares (SERRA, 2003).

A pesquisa foi realizada em três bairros da região da Brasilândia, zona noroeste da cidade de São Paulo, onde moram famílias populares. Essas famílias, no geral, têm como referência a utilização dos serviços públicos de saúde e educação, e contam com poucos recursos para se protegerem dos riscos sociais, que em muitos casos, estão associados ao território onde vivem. Podemos considerar as famílias deste microterritório, como socialmente vulneráveis. Utilizamos as definições apresentadas por Kaztman (2001) para compreender o conceito “vulnerabilidade social”:

Para medir a vulnerabilidade social, compreendemos a capacidade de uma pessoa ou de uma família para aproveitar as oportunidades disponíveis em distintos âmbitos socioeconômicos para melhorar sua situação de bem-estar ou impedir sua deterioração. Como o não aproveitamento das oportunidades implica no enfraquecimento do processo de acumulação de ativos, as situações de vulnerabilidade frequentemente desencadeiam sinergias negativas que levam ao seu agravamento. (KAZTMAN, 2001, p. 282, tradução nossa.)

A construção teórica da pesquisa mobilizou prioritariamente três domínios de estudo: A circulação de crianças, a escolarização de famílias populares e vulnerabilidade social em metrópoles. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como metodologia entrevistas semi estruturadas com roteiro extenso, dirigidas às mães de criação, com observação da moradia e de relações familiares. Foram no total, seis famílias de criação que foram visitadas e entrevistadas com frequência, durante a pesquisa de campo. No momento da pesquisa as crianças que moravam com essas famílias de criação tinham entre 4 e 10 anos de idade, todos, estudantes de escolas públicas.

Na circulação de crianças, a maternidade da mãe de nascimento tende a não ser ocultada, é comum que crianças se refiram a mais de uma mãe, o que é encontrado na bibliografia (FONSECA, 2006) e observado em todas as famílias pesquisadas.

As crianças parecem ser disputadas nesse território, receber uma criança para criar tem sentido de dádiva, como veremos a seguir.

2. A Dádiva de receber um filho

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros (Maus, 2003, p. 263).

No território pesquisado, as relações sociais de parentesco e vizinhança se configuram em fortes dimensões de organização da vida. São famílias muitas vezes apartadas do mercado de trabalho formal e de poder de compra e venda de serviços. Se organizam em busca de proteção social que em parte está associada ao serviço público e em boa medida se constrói a partir de uma rede de ajuda mútua.

São familiares e vizinhos do território que ajudam nos cuidados com os filhos, que os levam e buscam na escola, que compartilham alimentos, que cuidam dos parentes idosos, que dividem a casa com outras famílias, a lista de trocas nunca termina. Podemos dizer que é dessas estreitas relações de parentesco e vizinhança que se gera a circulação das crianças. O cuidado e a educação das crianças, é parte importante da organização da vida neste espaço social, reforçando o que aparece nas pesquisas de Fonseca ainda na década de 1990.

É por causa das crianças que se briga, é por meio das crianças que se faz amizade, que as pessoas se ligam à vida do bairro (...) Basta olhar as pequenas cenas cotidianas da rua para ver quanto os adultos, as mulheres em particular, regram suas atividades em função das crianças. (FONSECA, 2006 p.27)

No entanto, não é para qualquer mãe que se entrega uma criança, ainda que as mães biológicas estejam em condições de degradação da vida social elas tendem a escolher a quem entregar seus filhos. Há uma centralidade da maternidade na vida das mulheres deste território e isso também afeta as mães biológicas. Entregar e receber crianças, no território estudado, demonstrou serem tarefas protagonizadas por mulheres. Para as mães de criação, preservar de alguma forma a maternidade, parece ser questão fundamental a ser considerada diante da decisão de entregar seus filhos. Nesse sentido, a mãe de nascimento, permanece de algum modo na vida da criança, pode ser morando próximo à nova família ou mesmo na memória que se guarda.

As mães de criação que recebem as crianças, evidenciam em seus discursos, forte preocupação em dar a estas uma vida digna, longe de vulnerabilidades presentes no território: drogas, crime e violência. Elas temem que essas crianças tenham trajetórias de vida semelhantes à de suas mães biológicas, e por conta disso, criam práticas de cuidado e educação que priorizam escapar a essas vulnerabilidades.

As mães de criação precisam mostrar que são merecedoras da dádiva de receber um filho para criar, nesse processo, cria-se uma relação carregada de ambivalências entre as alegrias da dádiva e o peso gerado pelas obrigações decorrentes desta.

A análise do espaço social que fazemos a seguir, nos ajuda posicionar as famílias pesquisadas num sistema de relações que nos permite apreender melhor as tensões vividas pelas famílias e os sentidos que atribuem a escolarização das crianças recebidas.

3. O espaço social construído na pesquisa

O conceito de “espaço social” aqui utilizado, foi desenvolvido por Bourdieu(2007) e é compreendido por meio das relações sociais que nos permitem identificar a posição relacional ocupada pelos agentes na estrutura da sociedade, um espaço que pode ser construído teoricamente considerando as espécies de capitais acumuladas e mobilizadas pelos sujeitos e a relação que se estabelece entre os agentes e grupos sociais aos quais pertencem ou não. Esse espaço pode ser tão real quanto o geográfico e pode ter no território uma forma de objetivação. (BORDIEU, 2007).

A partir do espaço social construído, de modo relacional, verificamos a hierarquia de posições, baseada na maior ou menor proteção social alcançada, conforme desenho abaixo:



Quadro 1 – Posição no espaço social. Construção nossa.

No espaço social construído, as mães de criação são representadas por triângulos azuis, e as mães biológicas por losangos laranjas. Há uma família de criação que possui a posição mais alta: casa própria confortável, emprego público manual estável, filhos que chegaram ao ensino superior. Ainda assim, esta família enfrenta dificuldades associadas às drogas e álcool em dois de seus integrantes. As outras famílias de criação ocupam posições intermediárias neste espaço, de modo que duas delas se aproximam da fronteira de efetivação dos riscos sociais. Já as mães biológicas, estão todas em baixo da fronteira, com efetivação do risco. A posicionada mais abaixo, faleceu por conta da doença associada a dependência química e a mãe biológica melhor posicionada é a que cumpre pena há alguns anos em uma prisão.

A construção deste espaço de relações nos permite apreender que a vulnerabilidade social está fortemente associada a tensões que envolvem as histórias de circulação das crianças e os desafios postos para as mães de criação, como veremos a seguir.

4. Tensões que marcam as relações das mães de criação com as crianças que circularam

Como os casos de circulação se configuram nas relações familiares e de vizinhança, seguindo uma lógica diferente das adoções formais, muitas vezes há ausência das formalizações jurídicas, causando inseguranças para as mães de criação quanto à permanência do filho na família. As mães de criação relatam constrangimentos e perdas objetivas dos filhos de criação em relação aos serviços públicos ofertados por falta de documentação de guarda. Essa falta de documentação afeta desde matrículas em escolas até atendimentos em hospitais, como podemos ver no relato de uma das mães, que entre outros, expressa dificuldades e constrangimentos:

Todo mundo falava assim para mim: “Sandra... se essa menina ficar doente...se ela entrar no hospital... você não tira nunca mais”. Eu falava ... “meu Deus do céu como é que vai ser” (Mãe de criação, nome fictício).

As mães de criação, que vivem em condições de vulnerabilidade social, temem perder o filho para justiça, pela pobreza que fragiliza as condições de cuidado ou pela atribuída distância da norma legítima do que é considerado uma “família estruturada”. Os riscos sociais que se mostram para as famílias populares que vivem em condições vulneráveis, interseccionados com uma maternidade não biológica (em uma sociedade aonde a relação de consanguinidade é a reconhecida), fragilizam as relações de maternidade e guarda da criança recebida. Há uma relação com provisoriade que afeta suas práticas de cuidado e educação.

As mães de criação também temem que as crianças sejam estigmatizadas na sociedade por conta de suas histórias de origem, que outros agentes as olhem com preconceito.

É como se as pessoas achassem que devido a safadeza da mãe dele... Todos da família é igual ou ninguém tá nem aí pra ele(...). "O Kauã vai ser tratado assim mesmo (na escola) ...de qualquer jeito...ninguém vai vir reclamar a mãe dele é assim"...Se enganaram...ele tem alguém sim por ele que o defende com unhas e dentes" (Marilena, mãe de criação de Kauã. 2015. nome fictício)

As discriminação temida, também está associada ao receio das mães de criação de que os filhos recebidos sigam as trajetórias das mães biológicas. Dentre outras, a fala de uma das mães que expressa o medo do filho de quatro anos ir para criminalidade evidencia parte das tensões geradas pela história de circulação:

Para eles (Filhos biológicos) não...deles eu não tenho medo não...mas o Marcelo eu tenho...eu tenho medo (...) E eu falo para ele...se você crescer e você quiser ser igual sua mãe eu mato você, mas você não vai. Eu ameaço ele todo dia (...)eu falo para o Marcelo: Você vai em? Eu não quero que você se entorta. (Mãe de criação de Marcelo, 2015. Nomes fictícios)

A dívida de receber uma criança na família e os receios expressos pelas mães de criação, geram práticas sociais ora de explicitação pela honra da maternidade recebida e ora de ocultação por medo de estigmas:

Nessa escola agora, ninguém sabe a história dele, então acho que ele pensa assim: "Aqui eu sou normal, igual aos outros"...Então agora ele tá dando menos trabalho...Acho que é isso (Marilena, falando sobre o filho de criação Kauã, nome fictício)

A essas instabilidades objetivas (que ora explicita e ora ocultam as relações de circulação) se soma a ausência de categorias sociais que efetivamente nomeiem as relações de parentesco dessas crianças. As crianças buscam ajustar as categorias de parentesco normalizadas na sociedade para suas relações familiares. "A minha mãe é a tia Irene", é a frase usada por uma das mães de criação para explicar como o filho a identifica para os colegas de escola. Filhos de criação é uma categoria rejeitada pelas mães que recebem as crianças, não há nome para as relações de parentesco decorrentes da circulação.

5. Os sentidos que as mães de criação atribuem a escolarização das crianças que circularam

Para apreender quais os sentidos da escolarização dos filhos de criação por essas mães que os receberam, é preciso considerar as tensões decorrentes das condições de vulnerabilidade social, da dívida e das obrigações geradas, as instabilidades jurídicas e as relações que ora ocultam e ora explicitam a circulação de crianças no espaço social.

Para as mães de criação, a escolarização das crianças que circularam tem sentidos ambivalentes: A escola atesta que as mães cumprem os deveres instaurados pelo recebimento da criança para criar; confirma sua honradez e dignidade. Além disso as mães esperam que a escola contribua com a dupla luta que travam: i) para evitar os riscos sociais e ii) para assegurar a subsistência e conseguir que os filhos tenham posição melhor, e honrada, no espaço social mais próximo. Esses seriam sentidos positivos.

Entretanto, a escolarização dessas crianças tem, para as mães, um sentido negativo: de ameaça. A escola é percebida como a presença do Estado fiscalizador do cumprimento dos cuidados que as mães devem dedicar aos filhos de criação, sob pena da perda desses filhos. Os sentidos positivos e negativos convivem tensamente. Se a escolarização transcorre bem, as mães consideram que os riscos são minimizados. Uma boa avaliação da escolarização dos filhos para essas mães, está comumente indicada pela frequência, obediência e notas satisfatórias quanto aos saberes básicos. Raramente são medidas pela longevidade escolar ou altos desempenhos.

Por um lado, as mães acreditam na escolarização como um modo de provar que são dignas de estar com a criança que circulou, como o relato abaixo.

Eu tenho fotos aqui da escola que a professora Neiva deu, eu guardo tudo, tudo é prova. Cadernos dela. Eu vou no fórum e vou levar os cadernos dela no Fórum (Sandra, mãe de criação, nomes fictícios).

Por outro, lado, as mães desconfiam da instituição escolar como espaço que pode sinalizar que as obrigações geradas pela dívida estão ameaçadas. As famílias percebem que possuem lógicas diferentes dos profissionais da escola.

Thin (2010), afirma que ao observamos as famílias populares devemos considerar suas lógicas que permitem certa autonomia em suas práticas, pois estas não podem ser vistas apenas em uma perspectiva de dominação, já que as famílias também tendem pressionar a escola em razões de suas práticas embora ainda seja uma relação dominada. (THIN, 2010, p.68).

Paixão(2009), observa em mães de famílias populares mais pobres, uma expectativa de socialização em

relação à escola que para essas mães, tem forte valor como maneira de evitação dos riscos sociais.

Elas têm fortes expectativas de que a escola seja parceira na tarefa de cuidar dos pequenos e jovens enquanto elas estão fora de casa, evitando fiquem expostos/as a influências perigosas nas ruas, e que, ao mesmo tempo, lhes ensinem comportamentos e valores considerados, por elas, necessários à sua vida futura como adultos/as e, em especial, no mundo do trabalho. (PAIXÃO, 2009 p. 45)

Para além do aprendizado de saberes básicos, será o comportamento do filho de criação na escola o sinal mais evidente de que a escolarização transcorre satisfatoriamente ou não. Se a criança não aprender os saberes básicos e, sobretudo, se mostrar indisciplinada, suspeita-se que a educação está sendo falha. Nesse caso, os temores aumentam.

As condições vulneráveis que colocam as famílias em fortes períodos de instabilidade, fazem com que os investimentos escolares passem por períodos mais intensos e períodos de rupturas, nos quais as preocupações com a escolarização dos filhos são rebaixadas: Perda do emprego, da guarda da criança, da moradia, doenças e outras questões, fazem com que as famílias se mobilizem para estabilizar as condições de vida, e aí sim poder investir, temporariamente, em práticas mais organizadas de escolarização. A escolarização é parte das estratégias para driblar a vulnerabilidade social.

Diante das incertezas, um aspecto do lugar criado pela circulação é mobilizado para produzir sentido: o temor das mães de que seus filhos de criação seriam mais expostos ao risco de ter o destino que coube a suas mães biológicas.

Assim, em face dessa espécie de mácula de origem, a criação destes filhos é representada como uma luta contra um destino que se ameaça para criança por conta da trajetória a de sua mãe de nascimento.

6. Considerações Finais

O temores associados a história de origem e a instabilidade da circulação marcam o sentido que as mães de criação dão à escolarização das crianças que circularam: é incerta, pois elas possuem recursos frágeis para ter êxito em sua dupla luta: evitar a degradação das condições de vida e, assegurando a subsistência, visar um futuro na melhor posição social que podem vislumbrar no microterritório.

A luta para cumprir o dever gerado coma dádiva e para escapar aos riscos postos pelas condições de vulnerabilidades sociais expressas no território e que parecem ameaçar mais fortemente as crianças que circularam é o que dá sentido para mães de criação na escolarização destes filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, **O Poder Simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2007. 311 p

FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. 3ed. São Paulo: Cortez. 2006

KAZTMAN, Rubem. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos **Revista de La CEPAL**, Santiago do Chile, n.75, p.171-189. dec. 2001

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-294

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Expectativas de socialização na escola entre mães de camadas populares do Rio de Janeiro. **Revista de Educação Pública**, Mato Grosso, v. 18, n. 36, p.33-48, abr. 2009. Trimestral.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família com o espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. 1994. 215 f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1994

SERRA, Márcia Pivatto. **O Brasil de muitas mães**: Aspectos demográficos da circulação de crianças. 2003. 146 f. Tese (Doutorado) - Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002

THIN, Daniel. Famílias Populares e instituição escolar: Entre a autonomia e a heteronomia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p.65-77, abr. 2010.